



Cheia, Isolamento e Seca: os estragos

midiáticos no Pantanal Sul-matogrossense¹

BRUM, Eron; LINHARES, Gladis².

Resumo:

A investigação está relacionada à pesquisa *Sistemas de Informações como apoio ao Desenvolvimento Sustentável, a Biodiversidade e à Cultura fomentado por Pesquisas Básicas do Ecossistema do Pantanal do Negro*, do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa (GIP) do Pantanal-MS. Trata-se de um trabalho bibliográfico e de campo sobre a percepção ambiental a partir das informações veiculadas pela mídia dos três segmentos envolvidos com o cotidiano do Pantanal Sul-matogrossense: pantaneiros, turistas e pesquisadores na região do Pantanal do Negro. Além de aspectos gerais, a investigação buscou saber quais os problemas mais sérios que afetam a região, o potencial econômico e a degradação ambiental, resultantes dos níveis informacionais midiáticos e de outras formas de conhecimento.

Palavras-chave: percepção; meio ambiente; comunicação; cultura;

1. Os desafios do bioma Pantanal

O bioma Pantanal é uma das maiores planícies alagáveis do planeta com 138.183Km² de área³. Considerado Patrimônio Ecológico pela Constituição de 1988 e reconhecido como reserva de biosfera mundial pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura – UNESCO, em 9 de novembro de 2000, é formado por um complexo de ambientes naturais ou habitats que abriga uma fauna típica de cada um dessas paisagens. Há matas ciliares, de galeria, pacotes de matas mais ou menos homogêneas como cambarazais, paratudais, carandazais, savanas florestadas como cerradões e cordilheiras, savanas arborizadas como capões de cerrado, campos inundáveis, vegetação flutuante e diversas outras fitofisionomias descritas na literatura.

Esta diversidade encontrada é decorrente principalmente de fatores sazonais de seca e cheia. A enchente é recorrente a cada ano, inundando com águas rasas uma proporção de mais de 50% do Pantanal, contribui significativamente para formação desses ambientes.

Esses processos ecológicos influenciam nos ciclos de vida pantaneira (competição por recursos alimentares, reprodutivos, uso do espaço) e os períodos sazonais de cheia, atuam em escalas temporal e espacial (área de vida e território da

¹ Trabalho apresentado no Núcleo de Pesquisa Comunicação Científica do Intercom.

² **Eron Brum** – graduado em Jornalismo pela Universidade Católica de Santos (UniSantos), mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (Eca-USP), coordenador do mestrado Interinstitucional em Ciência da Informação Uniderp/UnB(2004-2006), professor do Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional da Uniderp. Professor Titular(aposentado) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul(UFMS). Pesquisador da Fundação Manoel de Barros(FMB).
E-mail: ebrum@terra.com.br

Gladis Linhares – graduada em Farmácia e Bioquímica pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), especialista, mestre e doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Autora do livro “Televisão no imaginário dos índios Terena”, lançado em 2000 pela editora da Uniderp e de artigo publicado no livro *Mídia do Pantanal*, lançado em 2001, pela editora da Uniderp. Atualmente é docente no curso de Jornalismo da Uniderp.
E-mail: glinhares@uol.com.br

³ É formado pelo rio Paraguai e seus tributários da margem esquerda, grandemente no Brasil (Bento Gomes, Cuiabá, São Lourenço, Itiquira, Taquari, Negro, Aquidauana-Miranda, Nabileque e Apa). As margens do rio Paraguai constituem o limite oeste do Pantanal, tocando a Bolívia ao norte e, o Paraguai ao sul. ALHO (2003, p.30).



fauna silvestre), estabelecendo diferenças locais e regionais, quando comparadas as diferentes sub-regiões do Pantanal ou quando se compara o Pantanal com o Cerrado.

Também as condições de vida do homem se alteram principalmente no que diz respeito à pecuária, a atividade tradicionalmente praticada nos pantanais e que define as características socioculturais e econômicas da região. Nessa natureza complexa, ressalta-se a presença do ser humano, que, no processo de atuação sobre os ambientes natural e social, desenvolve ações que podem influir na sua conservação ou depredação.

Brum (2001, p.13) mostra que ao longo do século passado o Pantanal sofreu profundas modificações, sendo as mais significativas:

Modificações de leito e alinhamento dos rios, criando maior número de arrombados, que são cortes de meandros produzidos pelo rio durante as enchentes, dividindo propriedades estabelecidas; Aumento do período de inundação de áreas ribeirinhas próximas aos rios. As propriedades agropastoris que eram exploradas, em média, por cerca de 7 meses por ano, passaram a ter apenas 3 a 4 meses de pastagens não inundadas, gerando impactos na criação de gado; Erosões localizadas em áreas urbanas, com destruição de matas ciliares e maior frequência de inundações; Como houve modificação significativa da cheia média de enchente, que molda o leito menor dos rios, esses tenderam a ampliar a seção e a criar novos caminhos, aumentando o número de meandros e ilhas no sistema, causando migrações de leito.

Banducci Jr. e Moretti (2001) observam que as maiores ameaças ao Pantanal são representados por projetos de desenvolvimento da região como a Hidrovia Paraguai-Paraná, que planeja o tráfego de grandes comboios de embarcações através do Rio Paraguai, transportando a soja e o minério do estado de Mato Grosso do Sul para os países do Mercosul e outros continentes. Outro projeto é a instalação de um pólo industrial siderúrgico e petroquímico no município de Corumbá, que utilizará como energia o gás natural proveniente da Bolívia e os minérios existentes na Morraria do Urucum, localizada no mesmo município de Corumbá.

Os autores afirmam que estas ações podem representar danos irreparáveis ao ambiente pantaneiro e, ao mesmo tempo, colocar em risco a possibilidade de coexistência com outras atividades econômicas consideradas como a verdadeira vocação da região, entre elas a pecuária, o turismo e a pesca..

Com as modificações do ambiente, outras de ordem econômica e cultural principalmente, acarretam transformações na vida do homem pantaneiro. Esta imensa área alagada com rica diversidade de fauna e flora despertou o interesse dos proprietários rurais, até então criadores de gado, para um novo ramo de negócio: o turismo.

Houve, especialmente nos últimos cinco anos, a adaptação, e até mesmo a construção de pousadas nas fazendas para receber visitantes/hóspedes. Além de uma opção de renda, traz à tona a necessidade de conservar o ambiente para mostrar ao visitante. De uma maneira geral, a atividade turística tem duas perspectivas: além de fonte de renda para o proprietário, força a conservação do local. Pode ser visto como a conservação de um grande museu com diversidade de fauna, flora a céu aberto. Por outro lado, o contato freqüente do homem pantaneiro com turistas em especial, acarreta adaptações dos costumes tradicionais à nova realidade.

A área foco de estudo é o IPPAN - Instituto de Pesquisas do Pantanal da UNIDERP, e região do entorno. Situada na planície de inundação do rio Negro, no município de Aquidauana, a fazenda Santa Emília, localizada no quadrante geográfico 19°29'12,2" a 19°30'49,8" de latitude sul e 55°35'28,5" a 55°42'37,9" de longitude oeste, com 2.618ha, sedia o Instituto de Pesquisa do Pantanal (IPPAN) da UNIDERP e a Pousada Araraúna.

O IPPAN é um órgão suplementar da UNIDERP, visa o desenvolvimento de atividades acadêmicas relativas ao ensino, pesquisa e extensão e encontra-se em atividade desde 2001, a partir de então, tem proporcionando o desenvolvimento de pesquisas naquele local.

2. Enfoque midiático superficial e espetacularizado

O Pantanal, talvez por sua complexidade, os ecossistemas que abriga, as enchentes e as secas e a grande biodiversidade ainda não totalmente conhecida, entre outras características, ainda não encontrou, na mídia, ambiente ideal para ser mais e melhor conhecido⁴. Há, na verdade, um enorme paradoxo na relação mídia e meio ambiente. Ramos (1995) observou que ao mesmo tempo em que desempenha um papel de ligação nos esforços para a constituição de uma base de entendimento comum diante das diferentes leituras sobre os temas ambientais, a comunicação de massa é responsável tanto pela omissão, quanto pela difusão indiscriminada de mensagens. E, muitas dessas informações, de forte apelo persuasivo, refletem interesses meramente corporativos e não coletivos, como se deveria supor, uma vez que o meio ambiente engloba toda uma coletividade.

⁴ A investigação que resultou neste artigo científico é a quarta realizada no Pantanal Sul-matogrossense. A primeira está no livro **A Mídia do Pantanal**, organizado por Eron Brum e Regina Frias, lançado no Congresso Intercom 2001(Campo Grande, MS). A segunda foi comunicada na palestra **O Pantanal que a Mídia não mostra** de um dos autores, Eron Brum, no Congresso Intercom 2002 (Salvador, BA) e a terceira no artigo **Mídia e Pantanal: o Jornalismo distante do Ambiente**, apresentado pelos autores no Núcleo de Pesquisa Comunicação Científica, Congresso Intercom 2005 (Brasília, DF).



Além disso, registra-se o crescimento, nos últimos anos, de publicações, reportagens e documentários sobre o meio ambiente, e também a busca de empresas e instituições em vincular suas imagens à 'defesa do meio ambiente', por meio de campanhas de publicidade e patrocínio de eventos de natureza ecológica.

Mesmo dez anos depois da constatação de Oliveira (1996), o tratamento jornalístico sobre questões ambientais permanece atrelado a três tipos de enfoques: denúncias, divulgação amena de nichos ecológicos e propostas de soluções para problemas ambientais. Os dois primeiros ocupam quase todos os espaços e, o terceiro, continua sendo o grande ausente das pautas midiáticas.

Ao analisar o conteúdo de informações publicados por um jornal diário de Campo Grande (MS), Catônio (2001: 88-89) reforça a fragilidade da mídia impressa nas abordagens da temática ambiental pantaneira:

Dos conteúdos analisados não foi possível elementos de construção do conhecimento ambiental. Apenas as alusões à piracema (fenômeno da reprodução dos peixes) apresentaram algum valor nesse sentido, mas de maneira muito superficial. Ainda assim, não se destinavam a construir, ou sequer a ampliar o conhecimento ambiental do público leitor. Foram impressas com a intenção explícita de persuadir o pescador a respeitar o ciclo natural da reprodução de peixes.

Então, os exemplos citados mostram que a contribuição da mídia para a disseminação do conhecimento do bioma Pantanal não passa, ainda, de simples notícias descompromissadas com o meio ambiente. O tão esperado 'casamento' Informação-Educação (neste caso, Educação ambiental) ainda continua um sonho distante. De modo geral as reportagens – especialmente em jornais, revistas e TVs – exploram as suas riquezas, apenas registram as tragédias (queimadas, assoreamento dos rios, erosão, pesca predatória), tudo de forma mais ou menos superficial, e não aprofundam as graves questões denunciadas por ecologistas e constatadas por pesquisadores (BRUM, 2001).

O autor alerta para um efeito midiático relevante no Pantanal, o que faz aumentar a responsabilidade e demonstra o poder dos meios de comunicação: a influência que a televisão vem exercendo sobre os costumes e cultura do homem pantaneiro. O modo de falar e de vestir, a cultura e os relacionamentos familiares e sociais são fortemente afetados pelas imagens televisivas captadas via satélite, processo que elimina a programação regional, esta mais de acordo com a realidade pantaneira.

O impacto das mensagens midiáticas em uma áreas isoladas como o Pantanal é visível e preocupante. Moraes (2006) observa que é impossível imaginar abundância igualitária na selva da desigualdade em que vivemos. Ao mesmo tempo em que se exige que a evolução técnica, deveria ampliar o conhecimento das sociedades e dos homens; na prática, ocorre uma perversa inversão: as técnicas avançadas são apropriadas pelas elites em funções de objetivos determinados - no caso do Pantanal, a transformação do bioma é fonte inesgotável de lucro a qualquer preço, violando os princípios das Nações Unidas que defende o desenvolvimento sustentável - a fluidez informativa, portanto, não representa o bem comum.

Existe saída para o massacre midiático dirigido que deforma realidades e ignora a diversidade? Moraes (2006, p.46) assegura que:

[...] se quisermos superar as exclusões que aí estão, o desafio de longo prazo remeterá à construção de alternativas socioculturais, políticas e comunicacionais não contaminadas pela lógica dos encantamentos que exacerba o gozo descartável. Para liberar potencialidades adormecidas [...] teremos que demonstrar capacidade de articular múltiplas ações no campo político-cultural, reivindicando difusões descentralizadas e dinâmicas participativas. Será a chance de encherarmos, em meio a inevitáveis tensões e contradições, o verdadeiro sentido da diversidade – a quantidade de mundos que o mundo contém.

Outro aspecto que cristaliza nas mentes uma idéia distorcida do Pantanal é a espetacularização da notícia das redes midiáticas. Kellner (2006), enfatiza que durante as últimas décadas as indústrias culturais possibilitaram a multiplicação nos novos espaços midiáticos e o espetáculo em si tornou-se um dos princípios organizacionais da economia, da política, da sociedade e da vida cotidiana. Assim, a cultura da mídia promove espetáculos cada vez mais sofisticados para conquistar audiências e aumentar o poder e o lucro da indústria cultural:

A multimídia emergente, que sintetiza formas de rádio, cinema, noticiário de TV e programas de entretenimento, e o domínio crescente do ciberespaço tornaram-se espetáculos da tecnocultura, gerando *sites* de informações e entretenimento, enquanto intensificam a forma-espetáculo [...] a cultura da mídia não aborda apenas grandes momentos da experiência contemporânea, mas também oferece



material para fantasia e sonho, modelando pensamento e comportamento, assim como construindo identidades.(p.119).

3. Percepção e as funções midiáticas

A importância da pesquisa em Percepção Ambiental⁵ para o planejamento do ambiente foi ressaltada na proposição da UNESCO (1973), que:

[...] uma das dificuldades para a proteção dos ambientes naturais está na existência de diferenças nas percepções dos valores e da importância dos mesmos entre os indivíduos de culturas diferentes ou de grupos sócio-econômicos que desempenham funções distintas, no plano social, nesses ambientes.

Esta percepção é diferenciada conforme os valores sociais, culturais, educacionais dos indivíduos. A percepção ambiental é conceituada por Faggionato (2002)⁶ como a maneira que

Cada indivíduo percebe, reage e responde diferentemente frente às ações sobre o meio. As respostas ou manifestações são, portanto, resultado das percepções, dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada indivíduo. Embora nem todas as manifestações psicológicas sejam evidentes, são constantes, e afetam nossa conduta, na maioria das vezes, inconscientemente.

Pretendeu-se, com este trabalho, reconhecer no homem pantaneiro, no turista e no pesquisador da área a percepção do ambiente, e, a partir dos resultados elaborar programas para contribuir com a formação voltada para a preservação e conservação do ambiente na região. Conhecer a percepção que os indivíduos têm acerca de seu meio é de fundamental importância para a compreensão da inter-relação entre o homem e o ambiente, suas expectativas, satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas.

Ramonet (2004, p.26), entende que a televisão se impôs não só por apresentar um espetáculo, mas por ser “um meio de informação mais rápido do que os outros, tecnologicamente apta, desde o fim dos anos de 1980, pelo sinal dos satélites, a transmitir imagens instantaneamente, à velocidade da luz”. Sua influência favorece a formação de conceitos que, com o decorrer do tempo, através da frequência e repetição da informação, vão se sedimentando.

⁵ Disponível no < http://www.lapa.ufscar.br/portugues/perc_amb.htm > Acesso em 07 mai.2006

⁶ Disponível no < http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m_a_txt4.html >. Acesso em 07 mai.2006.



No Brasil, a televisão é a mídia de maior presença nos domicílios. De acordo com resultados divulgados em 12 de setembro de 2002, a Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (Pnad)⁷ revelou que, pela primeira vez na história, o número de receptores de TV ultrapassou o de rádios no País.

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2001 o índice de domicílios com TV atingiu 89% (41,4 milhões), enquanto que em 88% (40,9 milhões) dos lares existia pelo menos um aparelho de rádio.

A Target Group Index através do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), divulgou, em 2004, a pesquisa realizada no Brasil nos últimos quatro anos, identificando que 55% da população brasileira assistem, no mínimo, a quinze horas semanais de programação, ou seja, mais de duas horas por dia. A pesquisa entrevistou 10.300 pessoas de 12 a 64 anos, de todas as classes sociais, nos onze principais mercados brasileiros, representados através de indicadores econômicos, sociais, culturais e educacionais. Na região Centro-Oeste, somente o Distrito Federal fez parte deste universo, por possuir mais de um milhão de habitantes.

Em janeiro de 2005 foi a vez de o IBGE divulgar pesquisa relacionada ao consumo de televisão no Brasil. Os dados se referem a todo o país, com uma amostra de 52 milhões de telespectadores, em 15,9 milhões de domicílios, nas principais cidades brasileiras. Os resultados da amostra apontam que o telespectador brasileiro gastou 4 horas, 53 minutos e 22 segundos vendo TV aberta em cada dia de 2004. Sendo que a média diária, por domicílio, foi de 8 horas e 31 minutos, em 2004, dois minutos e meio a mais do que em 2003, tempo que um ou mais televisores, de uma mesma casa, ficaram sintonizados em canais abertos.

Uma pesquisa do Painel Nacional de Televisão do Ibope, divulgada em 19 de janeiro de 2006, pelo jornal *Folha de São Paulo*, revela que o tempo dedicado a TV cresceu meia hora desde 2001. A amostra compreendeu a audiência nas principais capitais brasileiras, que representam 53.293.900 indivíduos com mais de quatro anos de idade. O resultado apontou ainda, que as possíveis causas estão relacionadas ao desemprego, aumento da população idosa e venda recorde de dez milhões de televisores em 2005.

A constatação de Brum (2001, p.19), relacionada ao impacto midiático no Pantanal Sul Mato-grossense, não difere do quadro nacional, em particular do homem pantaneiro (incluindo-se também os outros dois segmentos analisados nesta investigação – pesquisadores e turistas), que em sua maioria vive em áreas isoladas geograficamente, mas com acesso aos meios de comunicação como uma maneira de aproximar o rural do urbano.

A mídia, principalmente através do rádio e televisão, atinge todos os municípios da Bacia do Alto Paraguai/MS, seja no contexto urbano ou rural. O consumo de antenas parabólicas demonstra que tende a crescer a influência da televisão na região. Constatou-se que os hábitos, gostos e valores da população local estão se transformando em função dos apelos de consumo veiculados pelos meios de comunicação. Novas necessidades se impõem, inclusive para o homem do campo, que vê crescer a sua dependência em relação ao meio urbano. Na análise sobre a cultura regional na BAP/MS, foi possível observar que antigos padrões de relação com a natureza estão sendo substituídos, em ritmos variados, por novas formas de percepção do mundo, resultante, dentre outros, do incremento e da diversificação da economia, dos novos padrões sociais veiculados e afirmados pelos meios de comunicação, pela aproximação cada vez maior entre o meio rural e o urbano.

⁷ Pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível no endereço www.ibge.gov.br



Tais constatações são relevantes para a composição de um quadro explicativo deste ambiente diverso e pouco estudado. Muito pouco se sabe a respeito da presença da mídia, sua ação, influência no receptor em áreas isoladas, em particular no Pantanal e dos atores envolvidos nesta pesquisa.

4. Procedimentos metodológicos

Na aplicação de questionário – vinte e duas perguntas fechadas e abertas – destacamos as variáveis de sexo, escolaridade, faixa etária, renda e escolaridade. As entrevistas abrangeram três segmentos: pantaneiros, turistas e pesquisadores e foi realizada no período de fevereiro de 2006 a janeiro de 2007. Analisamos 27 (vinte e sete) dos 37 (trinta e sete) questionários. Os outros 10 (dez) foram descartados por dois motivos: não contribuir para os objetivos da pesquisa e perguntas relevantes sem respostas. Para atingir os objetivos e aprofundar a percepção ambiental dos três segmentos investigados, analisaram-se primeiramente os com a identificação dos segmentos, para melhor compreensão e evitar a fragmentação. Posteriormente, elaborou-se um quadro geral agrupando os segmentos.

Foram codificados os dados quantitativos, mas, a análise, seguiu a linha qualitativa, conforme defende Richardson (1989, p.39) na adequação entre os grupos e aplicação de técnicas:

Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

Flick (2004) argumenta que a pesquisa qualitativa evita números, lida com interpretações da realidade social, bem diferente da quantitativa que prioriza números e modelos estatísticos. É preciso levar em conta que o Ambiente Pantanal é um tema complexo, fator que não recomenda a pesquisa quantitativa como a principal forma de coletar e analisar dados no âmbito das ciências sociais e aplicadas e humanas, pois, como recomenda Barreto (2000), os números não são representativos para situações que envolvem situações subjetivas.

Os dados foram submetidos à Análise Argumentativa seguindo as ponderações de Bauer e Gaskell (2005): documentar a maneira como afirmações são estruturadas dentro de um texto discursivo e, também, avaliar a sua consistência, solidez.

Entretanto, para dar maior visibilidade às respostas e por se tratar de metodologia qualitativa, foram construídos quadros dos segmentos conforme técnicas da Análise Lexical (THIOILLEN, 1986), o que permite a classificação dos termos, expressões e posicionamento - expressões-chaves, na definição do autor - dos segmentos entrevistados de forma objetiva.

5. Pesquisa de campo

A aplicação dos questionários foi realizada por três pesquisadores – dois docentes e um aluno bolsista de iniciação científica, em viagens intercaladas no período de fevereiro a dezembro de 2006.

5.1 As variáveis - perfil

Dos vinte e sete entrevistados – dez foram descartados – o segmento mais representativo foi de pesquisadores (44,4%), seguindo-se pantaneiros (29,6%) e turistas (26,0%). Considerando os três segmentos, 51,8 por cento foram do sexo masculino e, 48,2 por cento do sexo feminino. O item faixa etária está assim representado: 25 a 34



anos (37,5%), 55 ou mais (26%), 17 a 34 e 35 a 44(14,8%, para cada faixa) e até 16 anos e de 45 a 54(3,7% para cada faixa). Os dados percentuais demonstram um equilíbrio das faixas 25-34 e 55 ou mais e, logo em seguida, outras duas categorias de faixa: 17 a 24 e 35 a 44.

Quanto à escolaridade, os que completaram curso superior (33,3%) e fizeram pelo menos um curso de pós-graduação (33,3%) foram a maioria dos entrevistados. Logo a seguir, os que não completaram o ensino fundamental (14,7%) e os analfabetos (7,5%). Por último, com (3,7% para cada perfil), superior incompleto, médio incompleto e médio completo). A faixa salarial está assim representada: dois a três salários mínimos (25,9), 6 a 9 e 10 ou mais salários (22,2 % por faixa), 1 salário e de 4 a 5(11,2% por faixa) e sem renda (7,3%).

Devido a grande variedade de profissões e atividades, deixamos de calcular o percentual. Mas o número mais expressivo foi o de peões (4), seguido dos tecnólogos, cozinheiros, arquitetos, economistas, biólogos, jornalistas e estudantes (2 de cada profissão) e, os restantes, em profissões como advocacia, serviço social, engenharia, letras, matemática, turismo, pedagogia, geografia e serviços gerais.

5.2 Questões gerais – os resultados

Foram feitas cinco perguntas a todos os integrantes dos três segmentos entrevistados na pesquisa - turistas, pesquisadores e pantaneiros, sem diferenciação de categoria – com o objetivo de avaliar atitudes conhecimentos básicos sobre o ambiente e apenas um deles – pantaneiro – confessou não ter qualquer interesse com as questões ambientais.

Em seguida, 50 por cento dos entrevistados consideram que causa algum dano ao meio ambiente, 45 se isentam de qualquer culpa quanto à degradação ambiental e 5 por cento não souberam responder. E 90 por cento se declararam “incomodados” com essa atitude e apenas 10 por cento confessaram que tal fato não era motivos de preocupação. Os mesmos 90 por cento garantiram que tomaram alguma atitude para não repetir o “dano” e os restantes 10 por cento continuaram ignorando a questão.

5.3 Questões do Pantanal – Resultados e análise

Em seguida os entrevistados responderam mais onze questões relacionadas ao meio ambiente do Pantanal, conforme os quadros que se seguem.

5.3.1 O Pantanal e os Turistas



Pantanal	Rico em fauna e flora	Ótima qualidade de vida	Vocação para o turismo	Protegido pelas pousadas	Degradado pela pecuária	Afetado pela seca
	Paraíso do turismo	Boa qualidade de vida	Vocação para a pecuária	Protegido pelas pousadas	Degradado pela pecuária	Afetado pelo Isolamento
	Área de conservação	Ótima qualidade de vida	Vocação para o turismo	Defendido pelas ONGs	Degradado pelo Governo	Afetado pela cheia
	Riqueza de biodiversidade	Regular qualidade de vida	Vocação para o turismo	Defendido pelas ONGs	Degradado pela pecuária	Afetado pelo Isolamento
	Beleza natural	Boa qualidade de vida	Não sabe	Defendido pelas ONGs	Degradado pelo Governo	Não sabe
	Ecosistema variado	Boa qualidade de vida	Vocação para o turismo	Protegido pelas pousadas	Degradado pelo Governo	Afetado pela seca
	Paraíso em devastação	Boa qualidade de vida	Vocação para o turismo	População em geral	Degradado pela pecuária	Afetado pela cheia
FRASE-SINTESE: O Pantanal	É um rico paraíso ambiental,	Tem boa qualidade de vida,	Vocação para o turismo,	É protegido pelas pousadas e ONGs,	Degradado pela pecuária e governo	E sofre no período das cheias e pelo isolamento

Quadro 1 - Turistas

Os turistas destacaram a riqueza ambiental, o paraíso que significa ao Pantanal, sua variada biodiversidade, e perceberam os sinais da devastação. A frase-síntese evidencia que os aspectos negativos ainda não afetaram a qualidade de vida, a defesa da região é feita pelas ONGs e Pousadas e identificaram como problemas o período das cheias e o isolamento.

5.3.2 O Pantanal e o Pantaneiro

Pantanal	É a coisa mais linda	Ótima qualidade de vida	Vocação para o turismo	Protegido pelas pousadas	Degradado pela agricultura	Afetado pela cheia
	É vida	Ótima qualidade de vida	Vocação para o turismo	Protegido pelas pousadas	Degradado pela agricultura	Afetado pela seca
	Convivência harmônica	Boa qualidade	Vocação para a	Protegido pelas	Degradado pelo	Afetado pela



	entre animais e vegetais	de vida	pecuária	Ongs	Governo	seca
	Beleza a ser preservada	Boa qualidade de vida	Vocação para a pecuária	Protegido pelas Ongs	Degradado pelo povo em geral	Afetado pela seca
	Falta de energia e transportes	Boa qualidade de vida	Vocação para o turismo	Protegido pelas pousadas	Não sabe	Afetado pela seca
	Paraíso em fase de desmatamento	Boa qualidade de vida	Vocação para a pecuária	Protegido pelas Ongs	Degradado pela agricultura	Afetado pela seca
	Sossegado e bom para viver	Boa qualidade de vida	Não sabe	Não sabe	Não sabe	Afetado pela seca
	Tranquilo e sem violência	Boa qualidade de vida	Vocação para o turismo	Protegido pelas pousadas	Degradado pela pecuária	Afetado pela seca
FRASE-SÍNTESE: O Pantanal	É um belo e tranquilo paraíso.	Tem boa qualidade de vida.	Vocação para o turismo.	É protegido pelas pousadas e ONGs.	Degradado pela agricultura, governo e povo.	E sofre no período da seca.

Quadro 2 - Pantaneiros

Os pantaneiros – proprietários de fazendas e peões – estão cem por cento de acordo que o problema mais grave que afeta o Pantanal é o período da seca e creditam às ações governamentais e a prática da agricultura como os males maiores; na defesa do bioma destacam as Pousadas e ONGs e consideram o Pantanal um paraíso de tranquilidade vocacionado para o turismo.

5.3.3 O Pantanal e o Pesquisador

Pantanal	Planície de paisagem mutável	Qualidade de vida ruim	Vocação para a pecuária	Protegido pelas ONGs	Degradado pela agricultura	Afetado pela cheia
	Riqueza ambiental ameaçada	Qualidade de vida boa	Vocação para o turismo	Protegido pelas ONGs	Degradado pela pecuária	Afetado pelo isolamento
	Ecosistemas em fase de	Qualidade de vida	Vocação para a	Protegido pelas	Degradado pela	Afetado pela seca



	degradação	boa	agricultura	ONGs	agricultura	
	Grande biodiversidade ameaçada	Qualidade de vida regular	Vocação para o turismo	Protegido pela pecuária	Degradado pelo Governo	Afetado pelo solo frágil
	Biodiversidade rica ameaçada pelo desmatamento	Qualidade de vida ruim	Vocação para a pesquisa científica	Protegido pelas ONGs	Degradado pelo Governo	Afetado pelo isolamento
	Paraíso ecológico ameaçado por desmatamento e queimadas	Qualidade de vida boa	Vocação para a pecuária	Protegido pelas ONGs	Degradado pela agricultura	Afetado pela interferência do homem
	Biodiversidade rica em busca de sobrevivência	Qualidade de vida boa	Vocação para a pecuária	Protegido pelas ONGs	Degradado pela pecuária	Afetado pela cheia
	Lugar maravilhoso contaminado por “urbanóides”	Qualidade de vida regular	Vocação para o turismo	Protegido pela população em geral	Degradado pelo Governo	Afetado pela cheia
	Paraíso natural equilibrado e harmônico	Qualidade de vida boa	Vocação para o turismo	Protegido pelas pousadas	Degradado pela pecuária	Afetado pela cheia
	Planície com forte dependência do planalto	Qualidade de vida boa	Vocação para a pecuária	Protegido pelo Governo	Degradado pelo Governo	Afetado pela seca
	Lugar úmido com rica biodiversidade	Qualidade de vida boa	Vocação para a pecuária	Protegido pelas ONGs	Degradado pelo Governo	Afetado pelo isolamento
	Cenário lindo a espera de desenvolvimento e conservação	Qualidade de vida regular	Vocação para o turismo	Protegido pelas ONGs	Degradado pela pecuária	Afetado pela cheia
FRASE-SÍNTESE: O Pantanal	É um mosaico de ecossistemas amplamente ameaçado.	Tem qualidade de vida de regular a boa.	Sua vocação está dividida entre pecuária e turismo.	É defendido pelas ONGs e Pousadas.	Degradado pelo governo, pecuária e agricultura.	E afetado pela seca, cheia e isolamento.

Quadro 3 - Pesquisadores

Os pesquisadores vêem o Pantanal como um mosaico de ecossistemas fortemente ameaçado pelas ações governamentais, pecuária e agricultura, o que torna a qualidade de vida entre boa e regular. Para este segmento, turismo e pecuária são as maiores vocações e, entre seus defensores estão as ONGs e as Pousadas. Os maiores problemas na ótica dos pesquisadores são a seca, a cheia e o isolamento.

5.3.4 Quadro Geral – síntese dos três segmentos

O Pantanal	Tem boa qualidade de vida.	Suas vocações são o turismo e a pecuária.	É protegido pelas ONGs e Pousadas.	Degradado pela pecuária, governo e agricultura	Sofre com a seca, cheia e isolamento.
-------------------	-----------------------------------	--	---	---	--

Quadro 4 – Os três segmentos

Turistas, pantaneiros e pesquisadores são convergentes nas definições de que o Pantanal é um paraíso ecológico ameaçado, apesar de ainda oferecer boa qualidade de vida. Identificam a pecuária e o turismo como as grandes vocações, destacam ações governamentais, a agricultura e a pecuária como responsáveis pela degradação ambiental da região e ainda citam o binômio seca-cheia, ao lado do isolamento, como questões ainda insolúveis e que causam grandes problemas ao bioma.

6. Análise dos resultados

Mesmo que a presente investigação tenha sido desenvolvida em apenas um dos pantanais, o do Negro, é possível, com base na reflexão teórica e nos resultados da pesquisa de campo, tecer algumas considerações. No campo comunicacional, apesar das críticas dos autores de trabalhos mais consistentes sobre o Pantanal, a mídia continua ignorando os sérios problemas ambientais da região.

O enfoque midiático é superficial e pouco contribui para levar conhecimento aos consumidores de informação. As matérias jornalísticas geralmente abordam denúncias, destacam o pitoresco da região e repetem, à exaustão, que o Pantanal é um “paraíso”, e não aprofundam nos temas que estão causando sérios estragos: degradação, assoreamento dos rios, esgotos produzidos no planalto e despejados na planície, pesca predatória e até mesmo o tão desejado turismo dando suas parcela de colaboração para a poluição ambiental.

Alguns sinais de que nem tudo é paraíso no Pantanal, podem ser identificados nas frases de pesquisadores, turistas e pantaneiros entrevistados:

- Tem de ser conservado para garantir o futuro;
- Um paraíso que a ação do homem pode destruir;



- O crescimento do turismo pode causar devastação;
- Um ambiente maravilhoso em fase de degradação;
- Uma riqueza de biodiversidade que pode gerar muita renda;
- Governo deveria ser mais atuante e presente para garantir a conservação;

Essas são frases que não mostram apenas a degradação ambiental que é visível no Pantanal, mas, destacam a importância dessa planície rica em biodiversidade e que, bem explorada, pode significar uma fonte de renda sustentável de mais alta relevância para a população pantaneira, independente de sua atividade tradicional, a pecuária.

Dos três segmentos entrevistados, o pantaneiro é o que demonstra mais descrença na atividade clássica da região, a pecuária, e parece disposto a apostar em outra atividade, a turística, a qual vem crescendo nos últimos anos e, em muitos casos, funcionando junto com a pecuária nos Hotéis-Fazenda. Todos os entrevistados consideram a seca como o problema mais ameaçador ao bioma.

Os turistas parecem fortemente influenciados pelas mensagens dos meios de comunicação de massa – notadamente jornais e televisão – e não se cansam de repetir que o Pantanal é um “paraíso” e que a atividade mais importante para a região seria o turismo. Entre os problemas, oscilam entre a seca, a cheia e o isolamento, temas presentes na mídia sem o necessário aprofundamento.

Já os pesquisadores tecem comentários mais amplos, principalmente com relação aos problemas que envolvem o bioma Pantanal. Falam de um mosaico de ecossistemas fortemente ameaçado pela degradação, o que acentua uma queda na qualidade de vida. Asseguram que a pecuária continua sendo uma vocação econômica sólida, acrescentam o turismo como alternativa, ressaltam o papel conservacionista desenvolvidos pelas Organizações Não-Governamentais (ONGs) e Pousadas e consideram a seca, a cheia e o isolamento como questões ainda não resolvidas.

Por último, é bom lembrar que o trinômio recomendado pelas Nações Unidas para o uso da terra no presente e garantia de preservar a vida para as futuras gerações – Economia eficiente, Justiça social e Prudência ecológica – ainda está muito distante do cotidiano dos homens, permanece ignorada pelas autoridades governamentais e ausente das preocupações midiáticas. O Pantanal Sul-matogrossense é um exemplo expressivo da espetacularização midiática em temas do meio ambiente.

7. Conclusões



A pesquisa bibliográfica e a investigação de campo, na área delimitada pelo entorno do Instituto de Pesquisas do Pantanal (IPPAN), no Pantanal do Negro, permitem as seguintes conclusões:

- A mídia vê o Pantanal como um paraíso terrestre à espera de turistas para conhecer e usufruir de suas belezas naturais.
- Os moradores do Pantanal – fazendeiros e peões – demonstram certo desencanto com a atividade tradicional da região, e vêem como saída alternativa o crescimento do turismo, mas, sem o abandono da pecuária.
- O pantaneiro considera a seca um problema mais grave do que qualquer outro, pois seu contrário, a cheia, é a responsável pela sua preservação.
- O pesquisador enxerga problemas não apenas na seca, mas, principalmente, nas ações governamentais ineficazes.
- Portanto, cheia isolamento e seca, características do bioma Pantanal, são identificados como problemas pelos três segmentos entrevistados, fortemente influenciados pelas informações midiáticas.

Referências

- ALHO, Cleber. **Conservação da biodiversidade da Bacia do Alto Paraguai**. Campo Grande: Ed.Uniderp, 2003.466p.
- BANDUCCI JR., A. e Moretti E.C.**Qual Paraíso? Turismo e Ambiente em Bonito e no Pantanal**. Campo Grande: UFMS, 2001.
- .BAUER, Martin W. e GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som. Um Manual Prático**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- BRUM, Eron. *O pesquisador, a mídia e o pantanal* In: **A Mídia do Pantanal**. Campo Grande: Editora UNIDERP, 2001.
- CATÔNIO, Ângela. *Nas trilhas do pantanal*. In: **A Mídia do Pantanal**. Campo Grande: Editora UNIDERP, 2001.
- FAGGIONATO, Sandra. **Percepção ambiental**. Disponível no <
http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m_a_txt4.html>. Acesso em 07mai. 2006
- FLICK, Uwe. **Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 2ª ed. Porto Alegre: Boockman, 2004.
- FREITAS, Henrique; JANISSE, Raquel. *Sphinx: Análise Léxica e Análise de Conteúdo*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.
- IBOPE Mídia - TGI –Target Group Index – Disponível no <
<http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortalIBOPE&>



pub=T&db=caldb&comp=pesquisa_leitura&nivel=null&docid=1781EAB8CCF6D52D83256ECA00657ABB >. Acesso em 27 fev. 2004.

PNAD2001 - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível no <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 07 de junho de 2002.

PERCEPÇÃO ambiental. Disponível no< http://www.lapa.ufscar.br/portugues/perc_amb.htm> Acesso em 07mai.2006.

KELLNER, D. *Cultura da Mídia e triunfo do espetáculo*. In **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.p.119-147.

MORAES, D. (org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

OLIVEIRA, Fabiola de. *Democracia, meio ambiente e jornalismo no Brasil*. In: **Comunicação e Meio Ambiente**. São Paulo: Edusp, 1996.

RAMOS, Luís F.A. **Meio Ambiente e Meios de Comunicação**. São Paulo: Annablume, 1995.

RAMONET, Ignacio. **A tirania da comunicação**. Trad. de Lucia Mathilde Endlich Orth.3. ed. Petrópolis :Vozes,2004

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. São Paulo: Atlas, 1989.

THIOLLENT, Michel. **Opinião Pública e Debates Políticos. Subsídios Metodológicos**. São Paulo: Polis, 1986.









